



**UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
MONDLANE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DE  
INFÂNCIA**

**MONOGRAFIA**

**RELAÇÃO DA ORALIDADE DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO DA  
LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES**

Helena Azar Salvador

Maputo, Abril de 2025



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DE**  
**INFÂNCIA**

**MONOGRAFIA**

**RELAÇÃO DA ORALIDADE DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO DA**  
**LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia, na Faculdade de Educação, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância.

**Estudante:** Helena Azar Salvador

**Supervisor:** dr. Etelvino Mutatisse

Maputo, Abril de 2025

## **Declaração de originalidade do projecto**

Esta monografia foi julgada suficiente como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância e aprovada na sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância, no Departamento de Psicologia, Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane.

**Director do Curso**

---

**Presidente do júri**

---

**Examinador**

---

**Supervisor**

---

(dr. Etelvino Mutatisse)

## **Declaração de Honra**

Declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau acadêmico e a mesma constitui resultado do meu labor individual conjugado com a orientação do meu supervisor, estando indicadas ao longo do texto e nas referências bibliográficas todas as fontes utilizadas.

---

(Helena Azar Salvador)

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha família (pai, mãe, esposo, filhos e netos).

## **Agradecimentos**

A Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do percurso.

Ao meu esposo Serôdio Touo, por acreditar em mim e ter apoiado de forma incondicional. Meus filhos: Márcia, Helécio, Hélio, Herby, Leonildo, Kássio, Woninga, minha netinha Wília, muito obrigado. Vocês fizeram de mim a força que eu precisava para vencer esta batalha, sempre me apoiaram incansavelmente nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Sem, no entanto, esquecer os meus pais que sempre me deram apoio moral.

Meus irmãos, cunhados e em especial minha irmã Amélia Salvador, muito obrigada pelo apoio incondicional no momento que precisei sempre estivesse disponível, como irmã e como académica, kxanimambo.

Agradecer a DEI-2017 por caminhar junto, preocupados com a “mamã” como carinhosamente chamam. Ganhei filhos na academia...

Aos meus colegas, Clécio, José, muito obrigada, e aos restantes colegas que directa ou indirectamente contribuíram para a materialização deste trabalho e, em especial, a Delfina Coolela que, vezes sem conta, esteve presente sempre que precisei...

Porque DEI está sempre lá, agradecer à Darcy Magaia, pela dedicação e entrega na assistência na realização deste trabalho.

Não cheguei aqui só com colegas, um muito obrigado aos meus docentes pela orientação dada, que me permitiu um melhor desempenho no meu processo de formação profissional, muito kxanimambo a todos docentes que fizeram parte desta jornada. Um obrigado especial aos docentes, dr.Milton Mucuanga, Msc. Alcídio Cumbe, Msc. Quitéria Mabasso, Msc. Isália Licença Mate, Dra Lucena Muianga, e o meu muito obrigado especial vai à Msc. Stella MLanga, pelo apoio num momento turbulento na minha jornada, deram apoio psicológico de forma que eu não abandonasse o barco no meio do mar.

Ao dr. Etlvino Mutatisse, muito obrigado pela supervisão, sempre presente, para esclarecer dúvidas do percurso e orientação pedagógica, esteve também como minha âncora durante a turbulência por mim vivida.

Agradeço a abertura das famílias por permitir a aproximação a quando da recolha de dados para que este trabalho se tornasse realidade. Ao meu meu amigo de caminhada João Alberto (Jojó), valeu a pena a nossa entrega e dedicação muito kxanimambo.

Às crianças que participaram do estudo, muito obrigada.

## Resumo

A oralidade dos pais baseada no *bebenés*<sup>1</sup>, *manbês*, *babytalk* ou *motherese* é um modo peculiar de comunicação entre o cuidador e a criança, que consiste num espaço onde são criadas relações afectivas, a fim de dar sentido à essa relação. Inúmeros estudos remetem à relação entre o bebenés e a aquisição e o atraso de linguagem. Na presente pesquisa, reúne-se por meio de uma revisão de literatura conhecimentos referentes ao bebenés, suas implicações no desenvolvimento da linguagem oral da criança pré-escolar, assim como se relacionam às visões dos pais sobre a sua oralidade na oralidade das crianças pré-escolares, ao que se conclui que as crianças com acesso ao bebenés apresentam comprometimento à nível da linguagem oral. Trata-se esta de uma pesquisa qualitativa, operacionalizada através da entrevista semiestruturada aplicada a quatro cuidadores e da narração de histórias a quatro crianças, constituindo esta a amostra do estudo, dados interpretados por meio da análise de conteúdo. Pode-se assim concluir que a oralidade dos pais baseada no bebenés, pode interferir no desenvolvimento da linguagem da criança caso esta esteja exposta apenas a esses estímulos linguísticos excluindo outros ambientes sociais.

**Palavras-chave:** Bebenés, Criança pré-escolar, Desenvolvimento da linguagem oral

---

<sup>1</sup> Simplificação do vocabulário da sintaxe e da forma das palavras endereçadas a criança, mas também nas modulações da prosódia e da voz materna (Fernald, 1985; Ferreira, 1990,2004)<sup>1</sup>

## **Abstract**

Motherese, parentese, babytalk, or child-directed speech is a peculiar mode of communication between caregiver and child, which consists of a space where affective relationships are created, in order to give meaning to this relationship. Numerous studies refer to the relationship between motherese and language acquisition and delay. In the present research, knowledge regarding motherese, its implications for the development of children's oral language, as well as how caregivers' views on their orality relate to the orality of these children, is gathered through a literature review. This is qualitative research, operationalized through semi-structured interviews applied to four caregivers and the narration of stories .to four children, constituting the study sample, with data interpreted through content analysis. It can thus be concluded that motherese can interfere with the child's language development if the child is exposed only to these linguistic stimuli, excluding other social environments.

**Keywords:** Motherese, Preschool child, Oral language development

CAPÍTULO I: ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS .....	1
1. Introdução.....	1
1.2. Formulação do problema.....	2
1.3. Justificativa do estudo .....	4
1.4. Objectivos da pesquisa.....	5
1.5. Perguntas de pesquisa .....	5
CAPÍTULO II: REVISÃO DA LÍTERATURA .....	6
2.1 Etimologia e conceito da linguagem oral.....	6
2.2 Factores do desenvolvimento da linguagem .....	7
2.3 Tipos de linguagem .....	8
2.4 Teorias sobre o desenvolvimento da linguagem.....	9
Teoria Nativista.....	9
Teoria da aprendizagem.....	9
Teoria Interaccionista.....	9
2.5 Fases de aquisição da linguagem .....	10
2.5.1 Período pré-escolar.....	11
2.6 Papel da família na estimulação da linguagem em crianças pré-escolares.....	11
2.7 Papel do educador de infância na estimulação da linguagem em crianças pré-escolares	13
CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE PESQUISA .....	14
3.1. Descrição do local do estudo .....	14
3.2 Abordagem metodológica.....	14
3.3. População e amostra / Participantes.....	15
3.4. Critérios de inclusão e exclusão.....	15
3.4.1 Critérios de inclusão .....	15
Critérios de exclusão.....	16
3.5. Técnicas de recolha e análise dados .....	16
3.5.1 Técnicas de recolha de dados .....	16

Entrevista. Semiestruturada .....	16
3.5.2 Técnicas de análise de dados .....	17
3.6. Questões éticas .....	18
3.7. Dificuldades do estudo .....	19
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS .....	20
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	31
5.1. Conclusões .....	31
5.2. Sugestões .....	32
Referências Bibliográficas.....	33
Apêndices.....	37
Apêndice II. ....	40
Apêndice III.....	41
Apêndice IV.....	41

## **Índice de tabelas**

Tabela 1: Dados sócio-demográficos dos participantes do estudo por categorias (Sexo, idade, ocupação e nível de escolaridade) .....	21
---	----

## CAPÍTULO I: ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

O primeiro capítulo desta pesquisa apresenta elementos introdutórios, tais como a formulação do problema, os objectivos, as perguntas de pesquisa e a justificativa.

### 1. Introdução

Nas várias culturas do mundo, com raras exceções, as mães e/ cuidadores “conversam” com os seus bebés empregando um registo de fala chamado *bebenés*.(Fernald,1985; Ferreira,2004)

O *bebenés*, *manhês* ou *motherese* consiste em desvios e modificações da fala dirigida aos bebés, cujos efeitos se revelam na simplificação do vocabulário, da sintaxe e da forma das palavras endereçadas à criança mas também nas modulações da prosódia e da voz materna (Fernald, 1985; Ferreira, 2004).

Neste contacto, os pais/cuidadores muitas vezes de forma inconsciente produzem um estilo sonoro diferente do habitual, denominado por Kalashnikova, et al.(2017) como “fala dirigida à bebês”. Outros termos são utilizados como sinónimos dessa fala, a saber: *bebenés*, *motherese*, *manhês*, *maternês*, *babytalk*, *child-directed speech*, *infant-directed speech*, *mother’s speech*, *maternal speech*.

Conforme tem-se referido, o *bebenés* é praticado com crianças e bebés, seres em desenvolvimento, particularmente da linguagem e embora estes estejam dotados de capacidades de processamento linguístico inatas conforme afirma a Teoria Nativista. Pressupõe-se igualmente da Teoria de Aprendizagem que as crianças desenvolvem e adquirem a linguagem dentro do seu contexto social, a partir das referências que observam e imitam. (Schaffer, 2005).

Assumindo-se assim que a forma com que o cuidador fala com a criança é uma referência a ter em conta na influência do desenvolvimento da mesma, portanto, este entendimento ou falta do mesmo pode ditar a postura prática, em termos de oralidade dos que compõem o seu ambiente de socialização primária dentro da promoção do desenvolvimento da linguagem da criança.

O presente estudo busca analisar a relação que os pais estabelecem entre a sua oralidade e o desenvolvimento da linguagem oral dos filhos em idade pré-escolar, em cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane.

Em termos de estrutura, o trabalho apresenta os seguintes elementos: Capítulo I que contém a problematização, os objectivos da pesquisa, perguntas de pesquisa e a justificativa. Capítulo II, que contém a revisão da literatura. Capítulo III, apresenta a metodologia. No Capítulo IV está patente a apresentação de dados e discussão dos resultados. O Capítulo V apresenta as conclusões, recomendações e referências bibliográficas, além de anexos e apêndices.

## **1.2. Formulação do problema**

A maneira com que os pais comunicam-se com as crianças influencia a forma como estas adquirem a linguagem e fazem o seu uso. Alguns pais tendem a usar expressões diminutivas para se comunicarem com as crianças. São alguns exemplos, as expressões como “*dadá*” para dizer comida, “*gayafa*”, para dizer garrafa, “*bincaje*”, para dizer brincar, “*mimir*” referindo-se a dormir, entre outras expressões.

A forma diminutiva referida no parágrafo anterior, pode prejudicar o desenvolvimento adequado da linguagem nas crianças, visto que estas poderão codificar, estruturar e consolidar expressões erradas, o que igualmente poderá dificultar a transmissão de suas experiências, assim como prejudicar o aparelho fonador e as áreas sensoriais responsáveis pela linguagem. (Bissoli, 2014)

Algumas pesquisas de autores como Marques(2016); Nimer(2022) e Rodriguez (2022) comprovam que ao conversar com a criança, o adulto desempenha o papel de “andaime”, interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa. Esta função do adulto é determinante no processo de desenvolvimento da linguagem da criança. A qualidade do contexto influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem. Quanto mais estimulante for o ambiente linguístico, e quanto mais ricas forem as vivências experienciais propostas, mais desafios se colocam ao aprendiz de falante e maiores as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional. (Sim Sim, et al. 2008)

Deste modo, a família é o primeiro actor na promoção da educação da criança e a comunidade, o seio das primeiras aprendizagens (Vygotsky, cit.in Tekin, 2011). Estes dois actores são determinantes no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. (Dias, 1996; Casimiro, 2017).

Assim sendo, as primeiras interações comunicativas das crianças são desenvolvidas no seu ambiente familiar, que se torna o maior responsável pelo fornecimento de estímulos

adequados e pela promoção de um ambiente facilitador (Nimer., 2022). Pois, o modo como a linguagem é utilizada pela criança, depende directamente do estabelecimento das suas relações sociais com os outros falantes da língua (Souza & Cáceres-Assenço, 2020). Dai que, o comportamento linguístico da família nas suas mais variadas dimensões possui papel primordial para que a criança atinja todas as suas potencialidades cognitivo-linguísticas (Venâncio et al., 2020). (Souza, et al, 2023)

Verifica-se no dia-a-dia das crianças pré-escolares o uso de uma linguagem diferenciada por parte dos pais, utilizando expressões como “*txatxa*”(quente), “*dadá*”(comida), “*bincayi*”(brincar), “*boya*”(bola), expandindo até a tendência para outros adultos para além dos cuidadores, teve-se certa experiência, por parte da pesquisadora onde a criança ao ouvir expressões linguísticas correctas sentiu-se não acarinhada, contrariando assim as possibilidades de estimulação por parte destes “socializadores primários”, pois os modelos transmitidos não foram os adequados e ainda assim são as referências reconhecidas pela criança.

Olhando para esta questão prática, pode-se aqui referir também o caso de uma criança que em contacto com o *bebenés* por parte de um adulto, recusou-se receber a informação como esta foi transmitida, rectificando-a e pronunciando a palavra correcta. Demonstrando deste modo que ela possuía modelos linguísticos correctos, os quais reconhece e faz uso. Este comportamento indica que no ambiente familiar desta criança o uso da linguagem oral correcta, ou seja, não se recorre ao *bebenés*.

Neste processo de desenvolvimento linguístico, inúmeros factores sociais actuam sobre o processo de aquisição da fala, dentre eles, merece destaque a presença da figura paterna, pois, os pais exercem influência directa e indirecta sobre os resultados da linguagem que serão obtidos pelos seus filhos (Ataman-Devrim, & Quigley, 2023).

A literatura recomenda e incentiva que os pais ou cuidadores, se envolvam de forma consciente na estimulação do desenvolvimento linguístico da criança no ambiente familiar, considerando desde a sua própria articulação diante desta. No entanto verifica-se por parte dos cuidadores no bairro de Tsalala, a utilização do *bebenés*. Deste modo, coloca-se a seguinte questão:

## **Que relação os pais estabelecem entre a sua oralidade e o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares?**

### **1.3. Justificativa do estudo**

Justifica-se a existência deste estudo pelo facto de encarar-se como uma oportunidade de autorreflexão, no sentido de buscar perceber quais práticas orais são adequadas/indicadas para a comunicação oral com as crianças, para que estas possam desenvolver de forma apropriada a sua oralidade.

Foi igualmente interesse da pesquisadora perceber em que medida alguns factores sociais e culturais no meio social podem influenciar na forma como os pais e outros membros da família se comunicam com as crianças e que ferramentas podem ser usadas para melhorar a oralidade entre os pais e as crianças.

No ambiente académico, esta pesquisa trará um contributo significativo, pois poderá despertar a necessidade de produção de mais pesquisas para se perceber em que medida algumas crianças apresentam um nível de desenvolvimento da linguagem abaixo do desejado, adequado ou acima da média esperada para cada fase de desenvolvimento.

Ainda no ambiente académico, poderá ser um instrumento de busca de dados para debates abertos sobre a influência dos modos comunicativos dos pais com as crianças e qual tem sido o papel dos profissionais da pré-escola na melhoria dos padrões socialmente construídos para a comunicação com as crianças.

Para os pais envolvidos na pesquisa, estes poderão ter um momento de reflexão junto do profissional da educação pré-escolar sobre as práticas que têm adoptado na comunicação com as crianças e que impactos podem ser observados diretamente nos seus filhos.

Portanto, para a sociedade como um todo, esta pesquisa poderá ser uma ferramenta de busca de dados científicos sobre a importância de uma oralidade adequada entre os membros da sociedade e as crianças inseridas.

#### **1.4. Objectivos da pesquisa**

- **Objectivo Geral**

Analisar a relação existente entre a oralidade dos pais com o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares;

#### **Objectivos Específicos**

- Apresentar as concepções que os pais têm sobre a influência da sua oralidade no nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares;
- Aferir o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares convivendo com os pais;
- Relacionar as concepções que os pais têm sobre a sua oralidade com o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças em idade pré-escolar;
- Reflectir com os pais sobre estratégias que promovam nas crianças pré-escolares um ambiente propício ao desenvolvimento da linguagem oral destas.

#### **1.5. Perguntas de pesquisa**

- Que concepções os pais têm sobre a influência da sua oralidade no desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares?
- Qual é o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares convivendo com os pais?
- Que relação há entre as concepções dos pais da sua oralidade com o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças em idade pré-escolar?
- Que estratégias podem ser apontadas para a promoção de um ambiente propício ao desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares?

## **CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA**

### **Linguagem (etimologia, conceito, factores, tipos, fases, papel da família e do educador na sua promoção)**

#### **2.1 Etimologia e conceito da linguagem oral**

A palavra linguagem deriva, em última análise do protoindo-europeu "*dnǵʰwéh₂s*", cujo significado é "língua, fala, idioma" através do latim *língua*, "*língua; lígua*" e do francês antigo *langage*. (Viotti, 2007).

A linguagem no seu todo, é considerada um campo do desenvolvimento infantil de destaque, que compreende a utilização sistemática de símbolos linguísticos com o objetivo de comunicação.

É um instrumento social usado para transmissão, classificação, combinação e resumo de informações entre os indivíduos; primordial para diversos processos da vida humana como a socialização, aprendizado e integração na sua cultura (Leandro, et al. 2021).

Entende-se nesta abordagem por linguagem a capacidade que qualquer ser humano possui para adquirir e usar a língua da sua comunidade. A aquisição desta tem lugar durante o período da infância e ocorre de forma natural e espontânea, bastando apenas que a criança esteja exposta e conviva com falantes dessa língua. (Sim Sim, et al, 2008).

É através da linguagem que o ser humano consegue estabelecer comunicação com a sociedade, compreender e transmitir mensagens.

A linguagem é uma necessidade, à medida em que permite à criança transmitir e receber informações e mensagens. É, portanto, necessário dominar não apenas a produção, mas também a compreensão dessa linguagem". (Silva, 2018). Deste modo, a linguagem é o sistema simbólico que permite a transmissão e recepção de mensagens, dentro de um determinado contexto, é também, uma forma de expressão, o que remete ao facto do desenvolvimento de esta estar associada ao ambiente de convivência, particularmente o familiar, e de forma específica, o contexto parental, visto que o mesmo, apesar de ocorrer de forma natural ou espontânea pressupõe estimulação necessariamente na primeira infância.

## 2.2 Factores do desenvolvimento da linguagem

O desenvolvimento da linguagem depende de diferentes factores que se complementam gerando uma promoção contínua e gradual do mesmo, ou seja, olhar para o desenvolvimento da linguagem da criança pressupõe considerar aspectos biológicos e contextuais.

Deste modo, assume-se que pode haver condições internas ou inatas para o desenvolvimento da linguagem da criança de forma propícia, no entanto, se não houver uma intervenção intencional social, familiar e parental no seu contexto e vice-versa, este pode ser comprometido (Souza, et al. 2023).

Os factores que interferem no desenvolvimento da linguagem da criança são internos e externos. Os factores internos incluem aspectos biológicos e ou genéticos, os externos são sociais e ambientais. Trata-se de um processo dinâmico, gradativo, contínuo e acumulativo, sendo a infância o período de maior influência neste processo (Souza et al. 2023).

**Factores internos:** são variáveis internas associadas ao aumento da probabilidade de ocorrência de alterações no desenvolvimento da linguagem. Dentre estes factores estão aspectos biológicos e de comportamento individual (sexo, prematuridade, baixo peso ao nascer, determinado tipo de temperamento), características hereditárias (histórico de alterações de linguagem dos pais) ou alterações associadas (alterações auditivas) (Oliveira, et al. 2023)

**Factores externos:** referem-se aos aspectos que influenciam no desenvolvimento linguístico relacionados com o ambiente no qual a criança vive: socioeconómicos e socioculturais. São variáveis complexas resultantes de factores como renda familiar, escolaridade do cuidador, ocupação dos pais/familiares, que influenciam directamente nas características do ambiente doméstico, nas interações entre pais e filhos, rotina familiar e na oferta de estímulos que afectam o desenvolvimento infantil no domicílio (Morais, et al. 2016; Jacobsen, et al. 2013) (Leandro, et al. 2021).

**Família:** possui papel preponderante em todas as fases do desenvolvimento infantil. É através dela que a criança encontra um ambiente facilitador para o desenvolvimento das suas potencialidades. Crianças que crescem em ambiente familiar com relações saudáveis entre os pais, recebem maior suporte emocional que proporciona melhor desenvolvimento neuro-psicomotor, tendo impacto no desenvolvimento da linguagem (Carvalho, et al. 2016)(Leandro, et al., 2021). Desta forma, a família representa o primeiro espaço de socialização, representa o papel de mediadora promovendo ou influenciando cada etapa

deste processo, podendo impactar negativa ou positivamente no desenvolvimento da linguagem da criança associada à aspectos familiares como quantidade de filhos ou de membros familiares que coabitam, a rotina da mesma, a figura ou presença paterna e mais.

Dentre os diversos aspectos com que constituem os factores externos, concretamente o familiar, considera-se de extrema importância a **figura paterna**, pois os pais exercem influência directa e indirecta sobre os resultados da linguagem que serão obtidos pelos seus filhos, devido à formação e fortalecimento dos circuitos neurais, através das relações afectivas e dos estímulos providos pelo ambiente criado pelos pais, como a forma de se expressar destes. Esta ausência pode também gerar sobrecarga materna, criando deficit na relação mãe-filho, influenciando negativamente no desenvolvimento da linguagem da criança (Souza, et al, 2023).

É responsabilidade dos pais criar modelos e referências na criança. A maneira com que estes falam, transmite informação no entanto, também passa referências. Falar correctamente com a criança pode transmitir modelos de comunicação correctos e assim permitir que este pai seja uma referência do que é correcto, do contrário, usando expressões diminutivas e outras formas de *bebenés*, dá-se à criança referências distorcidas da oralidade que devia se procurar desenvolver, ao que estas mesmas passam a se expressar igual, de forma diminutiva num tom de voz semelhante ao que costumam ouvir, ou seja, em *bebenés*.

### 2.3 Tipos de linguagem

De acordo com Marques (2024), existem três tipos de linguagem: Oral, não verbal e mista. Cada um tem características próprias e é usado em contextos diferentes para facilitar a comunicação.

- Linguagem oral: Envolve o uso de palavras(fala). A linguagem oral é estruturada com base numa gramática e vocabulário específicos de uma língua (como português, Xichangana, Xindau, etc) e é a forma mais directa de transmitir ideias, emoções e informações detalhadas.
- Linguagem não verbal: É a comunicação feita sem palavras, usando imagens, símbolos, cores, gestos, expressões faciais, postura, linguagem corporal, contacto visual e até entonação de voz (para linguagem). Ela complementa ou até substitui a linguagem verbal transmitindo emoções, intenções e atitudes que muitas vezes são interpretadas de forma intuitiva.

- Linguagem mista: combina elementos verbais e não verbais para comunicar de maneira mais completa e eficaz. Exemplo disso é a comunicação visual em apresentações, vídeos ou até conversas quotidianas, em que palavras (linguagem verbal) são acompanhadas por expressões faciais, gestos ou imagens (linguagem não verbal), enriquecendo a mensagem e facilitando a compreensão.

## **2.4 Teorias sobre o desenvolvimento da linguagem**

De acordo com Shaffer (2005) existem três grandes perspectivas teóricas sobre a aquisição da linguagem, a saber:

### **Teoria Nativista**

Os Nativistas, como Chomsky, Lightbown e Spada, acreditam que os seres humanos são dotados de capacidades de processamento linguístico inatas, que funcionam com maior eficiência antes da puberdade. Presumivelmente, as crianças precisam apenas ser expostas à fala para aprender qualquer linguagem que escutem (Shaffer, 2005).

### **Teoria da aprendizagem**

Os Teóricos da Aprendizagem, como, Piaget e Skinner propõem que as crianças adquirem a linguagem imitando a fala de outros e são reforçadas por colocações gramaticalmente correctas, entretanto, pesquisas oferecem pouco apoio para as noções de que os pais moldam gramaticalmente a fala dos seus filhos ou que as crianças adquirem a linguagem imitando as sentenças que escutam (Shaffer, 2005).

Os adultos usam a *motherese* quando em contacto com crianças pequenas e transformam as sentenças primitivas infantis por meio de expansões e remodelações, mas contanto que as crianças tenham parceiros com quem conversar, elas adquirirão linguagem mesmo sem esse apoio ambiental.

### **Teoria Interaccionista**

Os proponentes da Teoria interaccionista, tais como Bakhtin e Vygotsky reconhecem que a criança é biologicamente preparada para adquirir a linguagem, entretanto eles sugerem que, o que pode ser inato não é nenhum tipo de processo especializado, mas um sistema nervoso que amadurece gradualmente e predispõe crianças da mesma faixa etária a desenvolver ideias similares, as quais são motivadas a compartilhar com os seus companheiros.

Por conseguinte, a maturação biológica afecta o desenvolvimento cognitivo que por sua vez influencia o desenvolvimento da linguagem. Entretanto, os interaccionistas enfatizam o papel

crucial do ambiente na aprendizagem da linguagem, visto que os companheiros continuamente introduzem novas regras e conceitos linguísticos nas conversações de fácil compreensão que mantêm com as crianças (Shaffer, 2005).

Todas as teorias expostas assumem o papel crucial da exposição da criança em ambientes de fala, para a aquisição da linguagem. Mesmo havendo predisposição para o desenvolvimento desta como premissa, enfatiza-se a imitação como via de aprendizagem conforme pressupõe a teoria de Bandura, a teoria de aprendizagem social segundo a qual, a criança aprende através da observação e imitação, corroborada por Vigotsky, dentro do seu contexto social, ou seja, a criança desenvolve linguisticamente, observando e imitando as pessoas do seu círculo.

## **2.5 Fases de aquisição da linguagem**

Shaffer(2005) enuncia cinco fases de aquisição da linguagem, sendo estas: Período Pré linguístico, Período holofrástico, período pré-escolar, período telegráfico, período da meninice e a adolescência, onde serão neste estudo enfatizadas as 3 primeiras fases e com maior destaque para a fase pré-escolar.

**Período Pré-linguístico:** Durante esta fase as crianças são capazes de discriminar com facilidade os sons semelhantes à fala e são sensíveis a uma variedade maior de fonemas do que os adultos;

**Período holo frásico ou de uma única palavra:** as crianças falam nesta fase em holófrases e passam diversos meses aumentando o seu vocabulário uma palavra por vez;

**Período telegráfico:** caracteriza-se por sentenças de duas palavras conhecidas como fala telegráfica, porque omitem sinais gramaticais, e palavras começam menores e menos importantes.

### **Meninice e a adolescência**

A meninice e início da adolescência são um período de refinamento linguístico, as crianças aprendem exceções sutis de regras gramaticais e começam a entender até mesmo as estruturas sintáticas mais completas de sua língua nativa. O vocabulário aumenta rapidamente à medida que adquirem o conhecimento morfológico e a percepção metalinguística habilidade de pensar sobre a linguagem e comentar suas propriedades. O que sinaliza boas realizações da leitura. As crianças em idade escolar demonstram melhores habilidades de comunicação

referenciais à medida que dão maior atenção ao significado literal de afirmações ambíguas e tendem a clarificar as mensagens não informativas (Shaffer,2005).

### **2.5.1 Período pré-escolar**

Segundo Shaffer(2005), esta fase abrange crianças dos 2 aos 6 anos de idade. Nela a linguagem infantil torna-se similar a do adulto à medida que começam a adicionar morfemas gramaticais como o “s” para a pluralidade, o “eu” para o passado e o “indo” para o presente contínuo, assim como artigos, preposições e verbos auxiliares, lembrando que a velocidade em que esse fenómeno ocorre é individual, porém, há uma uniformidade na ordem em que os morfemas aparecem.

Este é também o período em que as crianças aprendem as regras da gramática transformacional, que lhes permite alterar sentenças declarativas para negativas, imperativos, condicionais e compostas. Ocorre a apreciação de contrastes semânticos irrelevantes como grande /pequeno, amplo /estreito, mais /menos, antes /depois. Começam a entender algumas lições pragmáticas como a necessidade de moldar as suas mensagens, a habilidade de compreensão do seu ouvinte na esperança de serem mais compreendidas.

Neste período, as habilidades de comunicação referenciais da criança não estão plenamente desenvolvidas, apesar de já terem a percepção perante mensagens pouco claras e consequente pedido de esclarecimento (Shaffer, 2005).

Nota-se que no período pré-escolar, a linguagem começa a tornar-se mais complexa e comunicativa, no sentido da criança não só transmitir de forma simples, mas sim de forma regrada e ainda com a intenção de fazer-se perceber e perceber o que lhe é transmitido dentro do seu repertório social, observando como os indivíduos em sua volta falam. Embora também haja a questão das individualidades nesta fase, há uma certa celeridade em termos de desenvolvimento linguístico acentuado de forma genérica.

### **2.6 Papel da família na estimulação da linguagem em crianças pré-escolares**

O contexto familiar é fundamental e pode influenciar o desenvolvimento da linguagem. Neste sentido, percebe-se que se algum familiar possuir algum problema na linguagem, a criança poderá vir a ter dificuldades a esse nível, tal como por outro lado, pais que são mais brincalhões e faladores acabam por estimular mais os seus filhos a comunicar (Rombert, 2013 & Silva, 2018).

Para Aimard (1998), mesmo se admitirmos que a criança possui aptidões inatas, uma espécie de pré-programação das estruturas de linguagem, não constrói nada se não tomar um “banho de linguagem”. Os pais, a família e os adultos são os principais responsáveis pelo “banho de linguagem” que afecta as crianças (Silva, 2018).

Quando os bebés começam a falar, os pais e cuidadores muitas vezes ajudam-lhes repetindo as suas primeiras palavras e pronunciando-as correctamente. Mais uma vez, a sensibilidade conta. O vocabulário ganha um impulso quando um adulto aproveita uma oportunidade adequada para ensinar uma nova palavra a uma criança. Se a mãe de Jordan diz "isto é uma bola", quando Jordan está a olhar para a bola, é mais provável que ele se lembre da palavra do que se ela tentasse desviar a sua atenção para a bola quando ele estivesse a brincar com outra coisa (Dunham, & Curwin, 1993). Os adultos ajudam uma criança que começou a juntar palavras expandindo o que a criança diz. Se Cristina diz "Mamã! Meia", sua mãe pode responder dizendo "Sim, essa é a meia da mamã"(Papalia, et al, 2006).

A paternidade é demonstrada como um importante preditor do desenvolvimento da linguagem, que se dá mediante vários factores sendo um destes a harmonia familiar, facilitando maior afectividade entre os membros da família; melhor dinâmica da família, pela divisão dos afazeres domésticos; participação no cuidado da criança, como na alimentação e higiene, incrementando a proximidade entre pai e filho e também a participação em brincadeiras, que aumentam interacção entre pai e filho, gerando deste modo uma oportunidade de estimulação. A ausência do pai age como factor de risco no desenvolvimento da linguagem, por menor interacção e relacionamento com a criança, menor rede de suporte à mãe nas condições socioeconómicas (Manfroi, et al. 2011; Trapp & Andrade, 2017).

Assim sendo, a família possui um papel preponderante em todas as fases do desenvolvimento infantil. É através dela que a criança encontrará um ambiente facilitador para o desenvolvimento das suas potencialidades. Crianças que crescem em ambiente familiar com relações sadias entre os pais, recebem maior suporte emocional, que proporciona melhor desenvolvimento neuro psicomotor, tendo impacto no desenvolvimento da linguagem (Carvalho, & Goulart, 2016).

## **2.7 Papel do educador de infância na estimulação da linguagem em crianças pré-escolares**

Na vida da criança a comunicação, a linguagem e o conhecimento são três pilares de desenvolvimento simultâneo, com um pendor eminentemente social e interativo (Nunes, 2008). As crianças adquirem a respectiva língua materna ao mesmo tempo que desenvolvem competências comunicativas, através de interações significativas com outros falantes que as escutam e que vão ao encontro do que elas querem expressar. Ao conversar com a criança, o educador desempenha o papel de “andaime”, interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa. Esta função do adulto é determinante no processo de desenvolvimento do jovem aprendiz de falante (Sim Sim, et al. 2008). Contar e recontar histórias, são estratégias de excelência no desenvolvimento da linguagem oral da criança, pois juntamente com a sua feição lúdica, permite a articulação de ideias, a comunicação, a expressão do pensamento e naturalmente um vocabulário mais rico e um discurso mais completo.

De acordo com Castro (2017), ouvir histórias é um momento que desperta o interesse das crianças independentemente da idade. O educador pode lançar mão de diversos recursos entre eles, as histórias infantis, sendo que a sua narração deve fazer parte da rotina das crianças no Jardim de Infância, visto que possuem variadas funções, fins e temas (Pimentel, 2017).

Silva (2018) salienta algumas “estratégias” que o educador deve ter em conta no diálogo com a criança, nomeadamente:

- Escutar a criança e tentar perceber o que ela quer transmitir, respondendo sempre às suas perguntas;
- Corrigir a criança, apresentando a “forma correcta”, mas nunca a ridicularizar;
- Apresentar novas palavras, mas ter a atenção de adaptar o vocabulário ao nível da compreensão da criança;
- Utilizar recursos não-linguísticos, como os gestos, a mímica, a entoação e o ritmo acentuado.
- Fomentar na criança o “gosto pelos livros”, pois “praticando” com ela a leitura ou o comentário dos livros, o adulto conscientemente ou não favorece a linguagem de diversas maneiras”, tendo sempre em atenção a linguagem contida nos mesmos (Silva, 2018).

## **CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE PESQUISA**

O presente capítulo é destinado aos seguintes elementos: a descrição do local do estudo; a abordagem metodológica; a população e amostra; os critérios de inclusão e exclusão às técnicas de recolha de dados e os procedimentos de análise de dados, questões éticas e limitações ou dificuldades do estudo.

### **3.1. Descrição do local do estudo**

O presente estudo foi realizado no bairro de Tsalala, na cidade da Matola, situado na província de Maputo. Tsalala faz fronteira com os bairros Sikwama, Liberdade e Machava.

### **3.2 Abordagem metodológica**

Quanto à abordagem, este estudo é qualitativo, exploratória quanto aos objectivos, e estudo de caso segundo os procedimentos técnicos.

Esta abordagem permitiu buscar de forma mais profunda as visões dos pais com relação à sua oralidade e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, preocupando-se com a profundidade dos factos de forma não superficial. Pois segundo Lakatos e Marconi (2003), a abordagem qualitativa tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento no caso dos pais com relação às crianças.

A pesquisa qualitativa, concentra-se no “porquê” envolvendo principalmente a colecta de dados não numéricos, baseando-se em métodos de colecta de dados mais focados na comunicação do que em procedimentos lógicos ou estatísticos.

Quanto aos objectivos, é exploratória pelo facto de permitir buscar novos saberes a partir de conhecimentos já existentes, a partir da revisão bibliográfica e das experiências dos pais e crianças, de modo a explorar novos conhecimentos ligados ao desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares.

Gil (2014), corrobora que a pesquisa exploratória tem como objectivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

No que concerne ao estudo de caso, este é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo dos factos, objectos de investigação, permitindo um amplo e pormenorizado conhecimento

da realidade e dos fenómenos pesquisados (Yin 2001). Justificando-se assim a aplicação deste procedimento na abordagem deste estudo (Trivinos, 1987).

### **3.3. População e amostra/ Participantes**

A população da pesquisa é caracterizada pela definição da área ou população-alvo, descrevendo a quantidade de pessoas que participam na pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2003) população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum.

O presente estudo tem como participantes crianças em idade pré-escolar e os respectivos pais e ou cuidadores usuários da linguagem oral.

Para Lakatos e Marconi (2003), uma amostra é representativa da população, quando permite recolher uma imagem globalmente conforme a que seria obtida interrogando o conjunto da população. A amostra numa investigação, é utilizada para recolher informações de uma população, que permitem responder às questões da investigação

Da população supracitada, extraiu-se uma amostra de oito (8) participantes, dos quais, quatro (4) são pais/cuidadores e quatro (4) crianças em idade pré-escolar dos 3 aos 6 anos de idade, selecionadas, através da amostragem por acessibilidade, segundo Gil (2014). A amostra por conveniência ou por acessibilidade consiste numa amostra não probabilística onde o investigador seleciona os membros da população dos quais obtém a informação, ou seja, utiliza os indivíduos que se encontram disponíveis.

### **3.4. Critérios de inclusão e exclusão**

#### **3.4.1 Critérios de inclusão**

- Crianças em idade pré-escolar com idades dos 3 aos 6 anos que convivem com os seus pais
- Pais com crianças em idade pré-escolar com as quais convivam

## **Critérios de exclusão**

- Pais não usuários da linguagem oral
- Crianças impossibilitadas de se comunicar oralmente

### **3.5. Técnicas de recolha e análise dados**

#### **3.5.1 Técnicas de recolha de dados**

Para a recolha de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada junto dos pais/cuidadores e narração de histórias junto das crianças.

#### **Entrevista. Semiestruturada**

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a entrevista consiste num encontro entre duas pessoas ou mais, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto. É semiestruturada, quando o pesquisador utiliza um roteiro básico com questões previamente definidas.

A entrevista foi aplicada aos pais participantes do estudo, a mesma foi elaborada pela autora do estudo baseando-se nos objectivos do mesmo, contendo 3 perguntas iniciais tendo estas, passado por um processo de validação junto à comunidade académica da UEM, por conseguinte aplicada aos participantes. Tratando-se de uma entrevista semiestruturada, que permite certas alterações ao longo da sua aplicação, de acordo com as necessidades, fez-se o acréscimo de uma pergunta, tendo o roteiro no final passando a ter 4 questões.

A utilização da entrevista como instrumento de recolha de dados resulta do entendimento de que esta permite extrair com maior detalhe informações e sensibilidades do entrevistado, sem necessariamente induzir a uma resposta ou limitá-la, o que abre espaço para maior riqueza de detalhes.

A entrevista semiestruturada pretende compreender e interpretar o sentido das ações humanas, bem como os seus diversos modos de expressão e representação expressos na cultura, nos desejos, nos comportamentos, ou seja, em toda a expressão e criação humana (Chauí,2000).

Para a recolha de dados junto das crianças, recorreu-se à narração de uma história da autoria da pesquisadora e repetida pelas crianças, para perceber como elas falam certas

palavras, e em que estágio se encontram. História essa elaborada pela pesquisadora, a mesma contém 42 palavras (vide apêndice 4).

Entende-se que a utilização de histórias permitiu explorar da criança as suas propriedades linguísticas, tendo em conta as características, necessidades e especificidades, pelo facto de estas serem actividades lúdicas.

Esta técnica proporcionaria à criança elementos necessários para se expressar e assim garantir elementos necessários para avaliação do seu desenvolvimento linguístico na prática de forma estimulante e lúdica, pois forneceria elementos orais da criança podendo-se assim, identificar características linguísticas apontadas ou indicadas em uma determinada fase de desenvolvimento da linguagem, de acordo com a teoria proposta nesta pesquisa.

### **3.5.2 Técnicas de análise de dados**

A técnica de análise utilizada neste estudo foi a análise de conteúdo.

Esta técnica permitiu descrever e interpretar o conteúdo das comunicações vivenciadas no contexto da recolha de dados, de modo a conduzir a descrições sistemáticas qualitativas. Permitiu reinterpretar as mensagens e compreender os seus significados acima de uma leitura comum.

Esta análise ocorreu de forma faseada observando as seguintes etapas: a preparação da informação que consistiu na transcrição das entrevistas realizadas com os pais, tal e qual as respostas foram dadas, foi seguida nesta mesma etapa uma espécie de resumo ou redução do discurso, de modo a deixar somente o necessário correspondente às respostas das questões colocadas. Com relação aos dados colhidos junto das crianças, nesta etapa fez-se a transcrição da história recontada pelas crianças tal e qual as crianças contaram e verbalizaram;

A segunda etapa correspondeu à Unitização, nesta foi selecionado o conteúdo semelhante existente no que se refere ao discurso dos dados dos pais, de modo a evitar repetições, trazendo-se assim respostas comuns e sem repetições e as não eram repetidas; De seguida, categorizou-se as respostas de acordo com os objectivos, cada resposta foi agrupada de acordo com o objectivo correspondente; Deste modo, seguiu-se com a descrição destes dados, neste sentido buscou-se fazer uma leitura do conteúdo obtido, relacionando as respostas referentes às concepções dos pais, o nível de desenvolvimento da criança e os dados sociodemográficos e finalmente, a interpretação.

Esta etapa teve em conta a análise da oralidade (a fala dos participantes), de modo a perceber o que esse discurso implica na influência da oralidade dos pais no desenvolvimento da linguagem oral da criança pré-escolar, dentro também do contexto literário. Deste modo, buscou-se teorias e bases literárias que fundamentassem esta interpretação.

No que diz a análise de dados colhidos junto das crianças, a sua interpretação ocorreu mediante escuta activa da maneira com que as crianças expressam - se oralmente, assim buscou-se as palavras por elas pronunciadas serviram de indicadores para se aferir o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças participantes do estudo.

Deste processo pegou-se no relato dos pais, transcreveu-se o discurso, seleccionou-se a informação concreta para a questão, nisto procurou-se seleccionar informação de forma não repetitiva, ao que, todo o dado já contido, não constaria novamente. Estes dados codificam-se em grupos específicos correspondentes aos objectivos.

De seguida, recorreu-se a transcrição leal e completa do discurso das crianças a partir da história pré-contada, e com o apoio da literatura buscou-se parâmetros linguísticos presentes no discurso das crianças de modo a aferir o nível de desenvolvimento da linguagem da criança.

De acordo com essas interpretações paralelas, relacionou-se os dados dos cuidadores ao desenvolvimento apresentado pelas crianças, tendo também em vista a revisão da literatura.

### **3.6. Questões éticas**

Em termos de procedimentos éticos, a pesquisadora solicitou uma credencial na Faculdade de Educação, com a qual se identificou e apresentou os objectivos do estudo no bairro de Tsalala. Solicitou ao Conselho Municipal da Cidade da Matola autorização para realizar entrevistas e história com as famílias.

Foram obtidos os consentimentos informados, explicando os objectivos do estudo e garantida a confidencialidade e o seu anonimato no tratamento de dados, cuja recolha foi efetuada junto dos pais, individualmente, com uma duração de aproximadamente 30 minutos com cada um.

Os instrumentos foram aplicados na residência dos participantes. Isto é, no mesmo dia aplicou-se a entrevista e a história contada à criança e ao respectivo pai.

Deste modo, importa referir que foi respeitada a disponibilidade dos participantes e não foram forçados ou pressionados para a obtenção da informação. A identidade de estes foi protegida e as suas respostas foram tratadas de forma sigilosa destinando-se exclusivamente ao estudo sobre o desenvolvimento da linguagem das crianças.

Não houve a inserção dos nomes dos participantes na base de dados, foram substituídos por códigos, “P” para mencionar o colaborador ou encarregado, tendo-se como exemplo: P1 e P2, e também utilizou - se o código “C” para mencionar as crianças no caso de estudo do caso.

### **3.7. Dificuldades do estudo**

Ao longo do processo de produção sobre o tema em questão foram encontradas algumas dificuldades. Primeiro, no concernente à disponibilidade dos pais para anuir, segundo a insuficiência de publicações de estudos similares em Moçambique, terceiro, não foi fácil ganhar a credibilidade dos pais, visto que há indivíduos de má índole e com segundas intenções, o que criava receio por parte dos pais, uma vez que para alguns pais, questões ligadas a pesquisas científicas constituem um *tabu*, pois muitos não têm tido experiências com este tipo de actividade. A sensibilização quanto a esta limitação foi de grande ajuda para ultrapassar este impasse. No entanto, foi possível superar as dificuldades e realizar o estudo.

#### **CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**

Neste capítulo, apresenta-se os dados obtidos mediante a realização da entrevista semiestruturada aplicada aos pais e a narração de histórias junto das crianças. Discute-se, tendo como referência a revisão da literatura e os objectivos específicos propostos no capítulo I. referir que antes dos dados desses dois instrumentos, descreve-se os dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa.

#### 4.1 Dados sociodemográficos dos participantes do estudo

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos participantes do estudo por categorias (Sexo, idade e nível de escolaridade)

Sexo				Idade				Nível de Escolaridade e ocupação				
Pais		Crianças		Pais		Crianças		Pais			Crianças	
Sexo	F	Sexo	F	Idade	F	Idade	F	Nome	Escolaridade	Ocupação	Nome	Escolaridade
F	1	M	1	27	1	5	1	P1	Técnico médio	Comerciante	C1	Frequenta centro infantil
F	1	F	1	29	1	4	1	P2	Superior	Trabalhador	C2	Frequenta centro infantil
M	1	F	1	33	1	5	1	P3	Técnico médio	Comerciante	C3	Não Frequenta centro infantil
F	1	M	1	37	1	5	1	P4	Médio-Geral	Trabalhador	C4	Não Frequenta centro infantil
<b>SubT</b>	<b>4</b>		<b>4</b>		<b>4</b>		<b>4</b>		<b>4</b>			<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>8</b>			<b>8</b>							<b>8</b>	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

No variável sexo, dos 8 participantes, 5 são do sexo feminino, destes 3 são as mães das crianças. Esses dados revelam que entre os pais das crianças, as mães prestam maior influência na linguagem oral das crianças. Neste trabalho, participaram 4 crianças dos quais 2 do sexo feminino e dois do sexo masculino.

No aspecto com relação à idade, os pais estão na faixa de 27 a 37 anos de idade. Esta é uma idade jovem, e por sinal bem ocupados no seu dia a dia, podendo desta forma comprometer postura oral no desenvolvimento da linguagem oral criança. Quanto a idade das crianças verifica-se que de acordo com a literatura estas agrupam-se na mesma fase de desenvolvimento da linguagem, o nível pré-escolar, tendo quase todas 5 anos, com exceção da que tem 4 anos.

Os pais com nível de escolaridade Técnico-médio e com o nível superior excepto P3 são pais de crianças que frequentam centro infantil, o que de alguma forma demonstra consciência da relevância da participação da criança no ambiente pré-escolar por parte destes, uma vez que estes mesmos consideram os seus estudos.

Quanto a escolaridade das crianças, observa-se que duas (C1, C2) não frequentam centro infantil, destas, as outras duas (C3, C4), frequentam centro infantil. A tabela é constituída por dados sociodemográficos a se ter em conta de acordo com a literatura. A frequência ao centro infantil, permite saber se a criança tem ou não acesso a outro espaço de socialização, que busca estimular e promover o desenvolvimento desta para além do contexto familiar.

A ocupação dos pais de certa forma pode influenciar na qualidade do desenvolvimento da linguagem oral da criança, visto que a falta de tempo destes dificulta a presença dos pais as crianças. P1 e P3 são comerciantes, P2 e P4 trabalhadores.

## 4.2 Dados do primeiro objectivo específico

No primeiro objectivo específico, pretendia-se apresentar as concepções que os pais/cuidadores têm sobre a influência da sua oralidade no nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares, ao que obteve - se os seguintes resultados, na base da primeira e segunda questão da entrevista:

- Primeira pergunta: Pode explicar ou descrever de que forma tem falado ou se expressa oralmente com a criança?

Nesta questão, obteve-se os seguintes discursos: *“Falamos normalmente, como falamos aqui em casa com todos, uma coisa e outra simplificamos para não complicar, porque pode não saber o significado, como é criança e também não insultar”* (P1) *“Sendo ela criança, falamos de um jeito carinhoso, parece automático, mas parece que quando falamos como adultos, ele zanga, habituamos assim, agora quando tentamos mudar, não nos entendemos, para ser carinhosos falamos como ela gosta.”* (P2)

*“Falamos de uma forma simples, porque tem que perceber, então é melhor não usar palavras difíceis, como é criança, mas o resto, falamos de uma forma normal”* (P3) *“Usamos aquela maneira de falar com uma criança pequena, como eles falam, fazer aquele carinho, aquela voz de carinho, falar coisas simples para criança”* (P4)

De acordo com as respostas obtidas, entende-se que os pais têm noção de que as suas falas podem gerar influências positivas ou negativas no desenvolvimento da linguagem da criança, com a excepção do pai 2, que entende que esta influência é condicionada.

Os pais podem não influenciar no desenvolvimento da linguagem da criança, contradizendo o pressuposto teórico de que embora a criança tenha uma disposição inata, ela necessita de estímulos parentais para desenvolver a linguagem, o que pressupõe contacto com modelos correctos, de modo a permitir a imitação, conforme indica a Teoria de Aprendizagem, bem como a Teoria Inatista, que pressupõe a predisposição da criança, afirma que as interacções são importantes para o desenvolvimento da linguagem da criança.

Desta forma, a concepção dos pais sobre a sua oralidade no desenvolvimento da criança, podem ditar o seu comportamento e conseqüente influência positiva ou negativa no desenvolvimento da linguagem da criança.

- Segunda pergunta: Pensa que essa maneira de falar de pai/mãe interfere no desenvolvimento da linguagem/na forma com que a criança fala/expressa-se?

Na segunda questão para responder ao primeiro objectivo obteve-se os seguintes discursos:

*“Acho que a forma com que falamos pode ajudar na maneira de falar da criança porque ela imita nossa maneira de falar.” (P1) “Sim, ajuda a criança a entender muita coisa, sobretudo como ela deve se expressar” (P2) “Sim, penso que as crianças aprendem connosco a maneira de falar” (P3) “Mais ou menos porque as crianças nem sempre fazem tudo como os pais querem, mandam, depende também se tem um problema ou não para falar bem ou falar mal” (P4)*

Olhando para o discurso dos pais, no que diz respeito à relação por eles feita do desenvolvimento da linguagem das crianças em função da sua oralidade, observa-se que existem dois grupos com opiniões diferentes. O primeiro grupo que entende que a sua oralidade tem influência sobre a linguagem da criança, no sentido destes mesmos pais representarem modelos para imitação das crianças, afirmam ainda que interfere na expressão e compreensão das mesmas.

O segundo grupo demonstra inconsistência no sentido de nem assumir, nem negar a influência da sua oralidade na linguagem da criança. Este indicador de certa forma pode ditar a postura oral do pai perante a criança.

Estar consciente desta influência gera atitudes e uma postura por parte do cuidador que recaem sobre a aprendizagem da criança para a aquisição da linguagem e sobretudo no desenvolvimento desta mesma linguagem na criança que de acordo com a teoria de Aprendizagem Social de Bandura observa e imita dos modelos da sua vivência, o que resulta no desenvolvimento desta segundo a Teoria Sociocultural de Vigostky, ou seja, é através da interação social que as crianças observam comportamentos, adquirem modelos e reproduzem estes mesmos comportamentos e assim desenvolvem, tendo este processo como base, as visões dos pais da sua oralidade no desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

Outrora, repare-se que o primeiro grupo, dos pais que reconhecem a influência da sua linguagem sobre o desenvolvimento da linguagem das crianças é o mesmo grupo que na primeira questão afirma falar normalmente com as crianças, excepto P2, que afirma usar a linguagem diferenciada no intuito de estar a acarinhar, não por falta de consciência desta influência. O segundo grupo afirma expressar-se usando uma linguagem diferente da que usam com adultos ou com outros indivíduos, o que significa que o entendimento que estes têm dessas duas variáveis dita a postura prática dos pais. Sendo que, de acordo com as teorias

de desenvolvimento da linguagem, especificamente a teoria interacionista, a interecção é um aspecto a considerar no desenvolvimento da linguagem da criança.

### 4.3 Dados do segundo objectivo específico

No segundo objectivo específico, almejava-se aferir o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares participantes do estudo, ao que se obteve os seguintes dados baseados na narração de histórias:

*Um menino que gostava de chorar, ele chorava por tudo, logo um dia a irmã disse quem chora é bebé logo “ele parou de chorar, logo a irmã, lhe ofereceu uma bola de presente.” (C1)*

*“Era uma vez, um menino que gostava de chorar, mesmo que, mesmo que estão a lhe dar água esta está a chorar, mesmo estando a comer está a chorar, tudo tá chorar, logo a irmã disse é bebé, tirou uma bola lhe deu. 4 mesmo.” (C2)*

*“Um menino muito bonito, que gostava de sempre chorar, ele, um dia a irmã lhe deu uma bola de presente, porque disse que ele é bebé, ele começou a respeitar a irmã.” (C3)*

*“Ela uma vez o menino que chorava muito, a irmã disse ele chorava muito porque ela bebé e depois como ele chorava muito recebeu uma bola de presente” (C4)*

Tendo em conta os dados acima aferiu-se que C1; C2; C3 apresentam linguagem similar a de adultos, moldam as mensagens para a compreensão do ouvinte (recontaram a história de forma perceptível, usando o seu discurso ou palavras), o mesmo não acontece com a C4, pois mesmo recontando a história com fidelidade, “Substitui” o “r” pelo “l” no meio da palavra e no início a substituição do “r” é pelo “y”, substitui o “l” pelo “y”, o que revela dificuldades de oralidade. A dificuldade da C4, pode ter explicação no facto de ter pouco contacto com os pais e centro infantil, mas também, pelo facto de estar muito tempo com avó que tem a tendência de falar bebenés. A situação da C4 é confirmada por Manfroi, et al, 2011, citados por Trapp & Andrade, 2017), pois para estes a ausência do pai age como factor de risco no desenvolvimento da linguagem, por menor interação e relacionamento com a criança, menor rede de suporte à mãe nas condições socioeconômicas.

fortalecimento dos circuitos neurais, através das relações afectivas e dos estímulos providos pelo ambiente.

portanto, de acordo com a classificação de Shaffer (2005), estas encontram-se no estágio pré-escolar. O mesmo não acontece com a C4, mesmo estando na fase pré-escolar ela tem a sua

fala comprometida devido ao uso do bebenés, pois, observa-se que a C4 “Substitui” o “r” pelo “l” no meio da palavra e no início a substituição do “r” é pelo “y”, substitui o “l” pelo “y”

não apresenta linguagem similar à dos adultos. molda as mensagens para a compreensão do ouvinte e usando expressões ou palavras próprias. Observa-se também que C4 “Substitui” o “r” pelo “l” no meio da palavra e no início a substituição do “r” é pelo “y”, substitui o “l” pelo “y”

Em função da leitura feita acima, com base nos estágios indicados por Shaffer(2005) referidos na literatura supracitada, observa-se pelo discurso das crianças antecedido pela narração de história, a qual passaram a recontar, que estas apresentam características linguísticas genéricas típicas de crianças do estágio pré-escolar como a adaptação semântica de acordo com o contexto da criança, umas das razões pelas quais, as crianças iam relacionando a história com outros aspectos entendidos aqui como fora do contexto da narração em si, sendo assim do contexto da própria criança; Todas as crianças recontaram a história usando suas próprias palavras, sem no entanto se desviar da lógica desta enunciando os seus personagens e seguindo uma sequência linear; apresentaram frases simples e coordenadas.

C4 diferencia-se do grupo, mesmo tendo a mesma idade que mais 3 crianças participantes, apresenta algumas características diferenciadas do grupo, uma linguagem não similar à dos adultos ou, da maioria destes, pelo facto de este apresentar pouco domínio da articulação de alguns sons da fala, o que gera uma pronúncia diferenciada. De acordo com Castro e Gomes(2000), é possível que existam alguns desvios na fala, porém, estes tendem a desaparecer rapidamente e são características menos frequentes em crianças de 3 a 4 anos, que não é o caso de C4. Na observação de C4 do início ao fim do discurso apresenta-se estes desvios, indicadores que levam ao entendimento de que embora todas as crianças apresentem o mesmo estágio, é questionável o nível de desenvolvimento da C4 pois, apresenta alguns comprometimentos ao nível da articulação dos sons, fazendo deste modo entender que apresenta comprometimento ao nível do desenvolvimento da linguagem.

#### 4.4 Dados do terceiro objectivo específico

No terceiro objectivo específico, desejava -se relacionar as concepções que os pais cuidadores têm sobre a sua oralidade com o nível de desenvolvimento da linguagem oral das crianças em idade pré-escolar, ao que obteve se os seguintes dados.

De modo a corresponder ao objectivo 3, fez se uma correspondência também relacionada com o primeiro objectivo: “Como tem falado com a criança, normalmente?”, tendo-se obtido as seguintes respostas: “(...) *Normalmente, como falamos aqui em casa com todos(...)*” (P1)

*“(...) Falamos de um jeito carinhoso, parece automático, mas parece que quando falamos como adultos, ele zanga, e (...) para sermos carinhosos, falamos como ele gosta.”* (P2)

*“(...) De uma forma simples, porque tem que perceber, então é melhor não usar palavras difíceis, como é criança, mas de resto, falamos de uma forma normal”.* (P3)

*“(...) Aquela maneira de falar com uma criança pequena, como eles falam, fazer aquele carinho”* (P4)

Olhando para o universo de respostas obtidas dos cuidadores, encontramos dois (2) grupos, em que um afirma falar normalmente com as crianças, com os seguintes discursos dos pais e respectivas crianças “(...) *Normalmente, como falamos aqui em casa com todos (...)*” (P1) *Um menino que gostava de chorar, ele chorava por tudo, logo um dia a irmã disse quem chora é bebê logo “ele parou de chorar, logo a irmã, lhe ofereceu uma bola de presente.”* (C1)

*“(...) De uma forma simples, porque tem que perceber, então é melhor não usar palavras difíceis, como é criança, mas de resto, falamos de uma forma normal”.* (P3) *“Um menino muito bonito, que gostava de sempre chorar, ele, um dia a irmã lhe deu uma bola de presente, porque disse que ele é bebê, ele começou a respeitar a irmã.”* (C3)

A fala correta dos pais influencia na oralidade correcta da criança, visto que o meio em que a criança se encontra e um factor para o desenvolvimento adequado da linguagem oral das crianças. Percebe se desta forma, que estes pais 1 e 3 usam a sua oralidade de forma correcta para falar com os seus filhos e estas, por sua vez tem a sua oralidade influenciada pela positiva, pois elas estão a falar corretamente.

e o outro grupo afirma utilizar uma forma mais carinhosa e específica (bebenés) para a criança, tendo até o P2 afirmando que caso tal fenómeno fosse alterado, geraria indignação e tristeza ou outras emoções negativas na criança, facto que encoraja ao cuidador a falar

“como criança “. Presume-se que este “falar como criança “ou então “Falar de forma carinhosa” seja o que entendemos como *bebenés*.

*“(...) Falamos de um jeito carinhoso, parece automático, mas parece que quando falamos como adultos, ele zanga, e (...) para sermos carinhosos, falamos como ele gosta.” (P2)*

*“Era uma vez, um menino que gostava de chorar, mesmo que , mesmo que estão a lhe dar água esta está a chorar , mesmo estando a comer está a chorar , tudo tá chorar, logo a irmã disse é bebé, tirou uma bola lhe deu. 4 mesmo.” (C 2)*

*“(...) Aquela maneira de falar com uma criança pequena, como eles falam, fazer aquele carinho” (P4)*

*“Ela uma vez o menino que chovava muito, a ilmá disse ele chovava muito porque ela bebé e depois como ele chovava muito yeceveu uma boya de presente” (C4)*

E um facto que o meio em que a criança se encontra influencia no desenvolvimento da linguagem da criança, o P3 fala utilizando o *bebenés*, porem a C3 não usa o *bebenés* visto que ela frequenta o centro infantil, instituição com profissionais preparados para ajudar as crianças a falar corretamente.

Isto não acontece coma C4, pois ela não frequenta nenhum centro infantil, sofre influência do pai e fala *bebenés*. O P4 acredita que para acarinhar o seu filho deve falar como uma criança, isto é, utilizar a linguagem de bebe (*bebenés*). Esta criança não frequenta nenhum centro infantil, fala *bebenés* com o pai e os que o rodeiam, pode se perceber aqui que a oralidade do pai influencia a oralidade do filho. Falar corretamente influencia de forma correta a oralidade da criança.

Indo à relação observa-se que C1,2 e 3 apresentam o estágio pré-escolar sem aparente comprometimento, diferente de C4, comprometido em termos de articulação, expressando-se em *bebenés*, repare-se que com P4, correspondente ao cuidador de C4, afirma utilizar o *bebenés*, podendo-se com isto entender que a oralidade do cuidador influenciou na oralidade da criança, na articulação e consequentemente neste nível de desenvolvimento da linguagem de C4.

Outro aspecto a considerar faz referência à P2 e C2, o cuidador afirma expressar-se em *bebenés*, contudo C2 apresenta um estágio considerado padrão do seu nível desenvolvimento linguístico oral. Recorrendo aos dados socio -demográficos, consta de que

C2 frequenta centro infantil, diferentemente de C4, autores como Shum(1988) entendem que a exposição da criança, a frequência de participação em actividades de aprendizagem rotineira é essencial para o desenvolvimento linguístico da criança.

Com relação ao centro infantil, Sequeira e Aglio (2006), corroboram que, nos casos em que as crianças estão em situações adversas na família, as instituições podem proporcionar opções mais acertadas, encontrando-se por lá opções mais favoráveis. Daí que, C2 não apresenta de acordo com o relato de P2, estímulos orais propícios ao seu desenvolvimento linguístico oral no contexto familiar, porém, pelo facto de frequentar um centro infantil, possui outras referências contrárias as famílias, permitindo assim o conhecimento de outras cadeias de sons (Ferreira, et al, 2005).

Sim-Sim (1998) ainda afirma que quando a criança aprende uma palavra, ela associa-a uma sequência fónica específica assim como ao significado, unindo-se este conceito ao som, forma-se a palavra, daí, conhecer uma palavra é reconhecer o significado particular e a sequência de sons da mesma.

Portanto, os cuidadores representam modelos para as crianças, pois, a sua oralidade, é ouvida pelas crianças, numa tentativa de descobertas e construção de significados e sons, que recaem sobre a Aquisição e Desenvolvimento da linguagem oral. É desta comunicação que as crianças formam os seus padrões, imitam e passam a expressar-se como ouvem diante do seu contexto.

#### **4.5 Dados do quarto objectivo específico**

No quarto objectivo específico, intencionava-se reflectir com os pais sobre estratégias que promovam nas crianças pré-escolares um ambiente propício ao desenvolvimento da linguagem oral destas.

*“(...) apoiar no desenvolvimento da linguagem da criança, através de uma boa conversa, mesmo se a criança não entender, os pais devem insistir para ela saber como chamar as coisas pelos seus próprios nomes.” P1*

*“(...) incentivar mais as interações com as nossas crianças, (...) comprar bons brinquedos que estimulam a curiosidade e levarmos as crianças para passearem pelo menos uma vez por semana.” P2*

*“(...) Participar de todas as actividades do desenvolvimento da criança (...) promover bons diálogos dentro de casa e ensinar tudo que os pais sabem de bom, incluindo os negócios.” P3*

*“(...) ter o hábito de usar palavras certas dentro e fora de casa porque a criança aprende muito do que os pais falam e fazem.” P4*

Da interação mantida com os pais, colheu-se estratégias para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral da criança destacadas por eles, destas, têm-se o Incentivo, o apoio, a participação e a utilização das palavras correctas com as crianças. Ou seja, os pais reconhecem que devem expressar-se, comunicar-se bastante e participar desta promoção, contudo, ainda se ausenta o “como”, de que forma esta oralidade do cuidador deve apresentar-se à criança se o objectivo for a promoção do desenvolvimento oral, uma vez que estes referem que a literatura afirma, que a criança imita conforme observa, e é deste processo que se adquirem condições para o desenvolvimento.

## CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### 5.1. Conclusões

De acordo com a pesquisa feita, através da busca bibliográfica, recolha de dados e posterior apresentação, interpretação e análise, pôde-se constatar que a idade pré-escolar é o período fértil para o desenvolvimento da criança, em específico da linguagem oral. É neste período que as crianças a partir do seu contexto socio-comunicativo desenvolvem mecanismos indispensáveis para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, sendo esta fruto de uma predisposição ou condição biológica humana, no entanto, complementada pelos estímulos proporcionados particularmente pelos pais.

Apurou-se pelos dados obtidos que as concepções que os pais apresentam da sua oralidade têm influência no desenvolvimento da linguagem da criança, pois, estas concepções ditarão na prática a forma com que estes pais escolhem dirigir-se às crianças.

Conclui-se que os pais têm a tendência de se expressar alterando o tom de voz, expressando-se de forma diminutiva ou totalmente modificada, levando ao entendimento de que estes usam *bebenés* para se comunicar oralmente com as crianças.

Estes não partilham do entendimento de que sob grande medida, o desenvolvimento da linguagem oral da criança está associado à forma com que se expressam, acreditam que este pode até sofrer influência de factores externos, no entanto, não necessariamente a oralidade dos pais.

Constatou-se igualmente que os pais usam o *bebenés* de forma intencional, alegando o facto de que as crianças sentem -se acarinhadas, o que após algum tempo torna difícil o abandono desta prática pelo facto de a criança sentir-se menos amada e acolhida na ausência do *bebenés*.

Verificou-se dos participantes do estudo que a actuação dos pais interfere no desenvolvimento da linguagem oral da criança, ao que se observou na criança exposta ao *bebenés*, sem frequência ao centro infantil que esta apresenta comprometimento na fase de desenvolvimento da linguagem em que se encontra, mesmo tendo a mesma idade com as outras crianças participantes não expostas ao *bebenés*.

## 5.2. Sugestões

Considerando as conclusões alcançadas nesta pesquisa sugere-se:

- O desenvolvimento de mais pesquisas moçambicanas relacionadas com o *bebenés* enquanto prática oral utilizada pelos pais, na idade pré-escolar, tendo em conta o contexto local;
- Incentivar às mães a falar correctamente com as crianças desde à concepção, de modo a encorajar o uso consciente da sua oralidade;
- Consciencializar aos pais do trabalho bilateral necessário para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral das crianças;
- Criar palestras, *bootcamps* de consciencialização dos pais, profissionais de Infância e da sociedade em geral sobre a importância dos estímulos gerados no ambiente socio-comunicativo da criança;
- Promover a coordenação entre educadores e pais, de modo a consciencializar no uso da sua oralidade de forma correcta tanto na instituição como no contexto familiar;
- Aplicar em ambientes institucionais metodologias que promovam o desenvolvimento da linguagem envolvendo a família e a sociedade.

## Referências Bibliográficas

Aimard, P. (1998). O surgimento da linguagem na criança. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed.

Anmé, T., Tanaka, E., Shinohara, R., Sugisawa, E. T, Eomisaki, E., & Segal, U. A (2012). Baseado em centro criança estendida cuidado : Implicações para desenvolvimento de crianças pequenas em um ambiente de cinco e -ano de acompanhamento. *Sociologia e Mentalidade*, 2 (4), 435-440. <http://dx.doi.org/10.4236/sm.2012.24056>

Bissoli, M.F. (2014). Desenvolvimento da personalidade da criança: O papel da Educação infantil. Dissertação. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 4 p. 587-597, out./dez. 2014

Carvalho, D., Lemos, E.M., & Goulart, LM (2016). Desenvolvimento sim linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS*, 28 (4), 470-479. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20162015193>. PMID:27652929

Casimiro, I. a. (2017). Desenvolvimento da linguagem oral em crianças de idade pré-escolar, com e sem necessidades educativas especiais.

Castro, S.L. e Gomes, I. (2000). Dificuldades de aprendizagem da língua materna. Lisboa, Universidade Aberta.

Chaui, Marilena. 2000. “Convite á Filosofia”. Ed. São Paulo. Ética

Castro, W.C (2017). Literatura Infantil Na Formação Docente No Curso De Licenciatura Plena Em Letras, Uma Reflexão Sobre O Exercício Profissional. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wpcontent/uploads/2014/10/Literatura-infantil-na-forma%C3%A7%C3%A3o-docente-no-Curso-de-Licenciatura-Plena-em-Letras-uma-reflex%C3%A3o-sobre-o-exerc%C3%ADcioprofissional.pdf>>

Dell’Aglia, D., & Siqueira, A. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia e Sociedade*; 18(1): 71-80.

Fernald, A. Intonation and communicative interest in mother’s speech to infants: Is the melody the message? *Child Development*, n. 6 :  
<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=60a19133c27b883cbd9229b46aab1338977e73582d295c5824d25be36a840527JmltdHM9MTczNTY4OTYwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=>

[394c1e4e-7fcc-6412-01e6-0b627eef65e8&psq=Bebenes+manhes+ou+motherese&u=a1aHR0cHM6Ly9yZXZpc3RhY3JpYW5jYXMuY29tLmJyL2ZhbGFuZG8tbWFuaGVzLWNvbS1vLWJlYmUtc2lsdmlhLWZlcnJlaXJhLTIv&ntb=1](https://doi.org/10.1590/2317-1782/20142014070)

Fernandes, C. M. (s.d.). O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem

Ferreira, S.M.O. A interação mãe-bebê: Os primeiros passos. 1990. Dissertação (Mestrado em letras e linguística) – Universidade Federal de Pernambuco

Florêncio, R. Moreira, M. As contribuições de Vigotsky aos estudos sobre a linguagem das crianças

Gurgel, L. G., Vidor, D. C. G. M., Joly, M. C. R. A., & Reppold, C. T. (2014). Fatores de risco para o desenvolvimento adequado da linguagem oral em crianças: Uma revisão sistemática da literatura. *CoDAS*, 26(5), 350-356. doi: 10.1590/2317-1782/20142014070 <https://doi.org/10.1590/2317-1782/201420...>

Gil. A. (2014). Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª edição. São Paulo. Editora atlas.

Grosso, A. C. (2015). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação*. evora.

Jacobsen, G. Moraes, W, F., & Trentini, C, M (2013). Qual é uma participação de factores socioeconômicos na inteligência de crianças? *Revista Neuropsicologia Latino americana*, 5 (4), 32-39. <http://dx.doi.org/10.5579/rnl.2013.0165>

Kalashnikova M, Carignan C, Burnham D. The origins of babytalk: smiling, teaching or social convergence? *R Soc Open Sci*. 2017 Aug 2;4(8):170306. Doi: 10.1098/rsos.170306. PMID: 28878980; PMCID: PMC5579095.

Lakatos, E. &, Marconi, A. (2003). Metodologia científica. 5ª edição. São Paulo.

Leandro , G. d., Souza, A. F., Lima , G. d., Oliveira, M. N., Lopes, L. N., da Cruz , D. d., . . . Caldas, I. F. (11 de 09 de 2021). Associações do abandono paterno e fatores socioeconômicos sobre o desenvolvimento . *Associações do abandono paterno e fatores socioeconômicos sobre o desenvolvimento* , p. 9.

Manfroi. E.C, Macarini, S.M, & Vieira, P. (2011). Comportamento parental e o papel do pais em desenvolvimento infantil. *Jornal de Humanidade de Crescimento e Desenvolvimento*

Marques, J. R. (11 de Novembro de 2024). Quais são os tipos de linguagem que existem.

Marques, A.N.M. (2016). O desenvolvimento da linguagem no pré-escolar. Dissertação (Educação pré-escolar) - Instituto superior de Educação e ciências:

Morais, R.L., Carvalho, U.M., &Magalhães, L.C. (2016). O contexto ambiental e o desenvolvimento na primeira infância: *Jornal de Educação Física*.

Nimer, A.R. (2022). Estratégias potencializadoras para o desenvolvimento da linguagem dos bebês. Monografia (Pedagogia). Universidade Federal do rio Grande do Sul. Porto alegre

Oliveira, L. F., Corrêa, C. d., & Maximino, L. P. (11 de 04 de 2023 ). Checklist de fatores de risco . p. 15.

Papalia, D. E., Olds , S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed® Editora S.A.

Pimentel, J. H. (11 de 2017). *A importância das histórias no Pré-Escolar*.

Silva, S. M. (2012). *O desenvolvimento da linguagem oral através de ambientes verbalmente estimulantes*.

Silva, S. M. (2018). A aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral em . *Relatório Final de Estágio de 2.º Ciclo em Educação Pré-Escolar* .

Silva, S. M. ( 2018). *A aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral em* . Vila Real.

Sim-Sim, I., Silva, A.C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-infância*. Textos para Educadores de Infância. Lisboa: ME-DGIDC

Souza, M. S., & Cáceres-Assençõ. (2021). O vocabulário e as habilidades narrativas se correlacionam em pré-escolares com desenvolvimento típico de Linguagem? *CoDAS*, 33(6), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202020169>

Venâncio, S. I., Bartoli, M. C., Frias, P. G., Giugliani, E. R., Alves, C. R., & Santos, M. O. (2020). Development and validation of instrument for Monitoring child development indicators. *Jornal de Pediatria*, 96(6), 778-789. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2019.10.008>

Rombert, J. (2013). *O gato comeu-te a língua? Exercícios, técnicas e conselhos para pais e educadores ajudarem as crianças no desenvolvimento da fala, da linguagem, da leitura e da escrita*. Lisboa: A esfera dos livros.

Tekin, A.K (2011). Parent involvement revisited: Background, theory, and models. And child development: a multicriteria analysis. *Jornal de Pediatria*, 96(3), 310-317. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2018.11.015>

Trapp, E. H., &Andrade, R. D. (2017). As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. *Revista Ciência Contemporânea*, 2(1), 45-53. [http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id\\_revista=31](http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31)

Trivinos. A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Viotti, E (2007). *Introdução aos Estudos Linguísticos* (PDF). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. p. 2. ISBN 85-60522-03-4

## Apêndices

### Apêndice I.

#### Roteiro de Entrevista

Nº	Bloco temático	Objectivos	Questões de base
1	Consentimento informado	Obter o Consentimento informado	Saudação: Bom dia/Boa tarde.
2	Concepções dos pais sobre a sua oralidade no desenvolvimento da linguagem oral da criança		<ul style="list-style-type: none"><li>• Pode explicar ou descrever de que forma tem falado ou se expressado oralmente com a criança?</li><li>• Pensa que essa maneira de falar de pai/ mãe interfere no desenvolvimento da linguagem/na forma com que a criança fala/ expressa-se?</li></ul>
3	Estratégias para a promoção do desenvolvimento da linguagem da criança pré-escolar		<ul style="list-style-type: none"><li>• Pensa que algo pode ser feito para permitir um desenvolvimento oral da criança saudável?</li><li>• O quê?</li></ul>

Respostas dadas pelos pais mediante entrevista semi-estruturada agrupadas de acordo com a pergunta

- 1) Pode explicar ou descrever de que forma tem falado ou se expressado oralmente com a criança?

*“Falamos normalmente, como falamos aqui em casa com todos, uma coisa e outra simplificamos para não complicar, porque pode não saber o significado, como é criança e também não insultar” (P1)*

*“Sendo ela criança, falamos de um jeito carinhoso, parece automático, mas parece que quando falamos como adultos, ele zanga, habituamos assim, agora quando tentamos mudar, não nos entendemos, para ser carinhosos falamos como ela gosta.” (P2)*

*“Falamos de uma forma simples, porque tem que perceber, então é melhor não usar palavras difíceis, como é criança, mas o resto, falamos de uma forma normal” (P3)*

*“Usamos aquela maneira de falar com uma criança pequena, como eles falam, fazer aquele carinho, aquela voz de carinho, falar coisas simples para criança” (P4)*

- Quais seriam essas coisas simples de falar, de crianças?

*“Aquilo de dadá, papato, txatxa” (P2)*

- 2) Pensa que essa maneira de falar de pai/ mãe interfere no desenvolvimento da linguagem/na forma com que a criança fala/ expressa-se?

*“Acho que a forma com que falamos pode ajudar na maneira de falar da criança porque ela imita nossa maneira de falar, então isso pode ajudar ou fazer mal a criança.” (P1)*

*“Sim, ajuda a criança a entender muita coisa, sobretudo como ela deve se expressar, por isso os pais devem evitar palavrões e falar de um jeito errado, achando que a criança não tem capacidade de perceber as coisas” (P2)*

*“Sim, penso que as crianças aprendem conosco a maneira de falar, de fazer as coisas, apesar de agora também aprendem novas coisas nos bonecos, na escolinha também” (P3)*

*“Mais ou menos porque as crianças nem sempre fazem tudo como os pais querem , mandam, depende também se tem um problema ou não para falar bem ou falar mal, outras crianças podem ter um problema, não porque os pais falam mal ” (P4)*

3) Pensa que algo pode ser feito para permitir um desenvolvimento oral da criança saudável?

4) O quê?

*“ Podemos apoiar no desenvolvimento da linguagem da criança, através de uma boa conversa, mesmo se a criança não entender , os pais devem insistir para ela saber como chamar as coisas pelos seus próprios nomes.”*

*“Devemos incentivar mais as interações com as nossas crianças, de forma correcta, porque achamos que as crianças não entendem as coisas e não é verdade, podemos comprar bons brinquedos que estimulam a curiosidade e levarmos as crianças para passearem pelo menos uma vez por semana , levar a escolinha também ajuda muito.”*

*“ Talvez Participar de todas as actividades do desenvolvimento da criança , criar boas conversas, sobre coisas boas dentro de casa e ensinar tudo que os pais sabem de bom, incluindo os negócios.”*

*“Temos que brincar com a criança e deixar ela brincar com outras crianças porque ajuda, e também temos que lhe ensinar a falar. ”*

## Apêndice II.

### Consentimento Informado

Eu \_\_\_\_\_, aceito de livre vontade participar da presente pesquisa intitulada “A influência da oralidade dos pais no desenvolvimento da linguagem oral das crianças pré-escolares”, levada a cabo pela pesquisadora Helena Azar Salvador.

Foi-me apresentado que esta, tem como propósito a culminação do fim do curso, e os dados foram incorporados na monografia para defesa final no Curso de Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância, no Departamento de Psicologia da Universidade Eduardo Mondlane. Desta feita, estou ciente de que as respostas por mim prestadas foram divulgadas e com vista à preservação da minha identidade, o meu nome não foi exposto. De acordo com os esclarecimentos prestados, a minha confirmação de participação na pesquisa dá-se através da assinatura deste documento.

Entrevistado

-----  
Entrevistadora  
-----

Maputo, aos \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

### Apêndice III.

#### Questionário Socio-demográfico

Sexo do Cuidador: F\_\_\_\_ M\_\_\_\_ Sexo da Criança F\_\_\_\_M \_\_\_\_

Idade do Cuidador: \_\_\_\_; Idade da criança \_\_\_\_\_

Escolaridade do Cuidador: \_\_\_\_\_

A criança frequenta centro infantil: Sim\_\_\_\_; Não \_\_\_\_\_

### Apêndice IV.

#### História contada às crianças participantes do estudo

“Era uma vez, um menino muito bonito que gostava de chorar, chorava, chorava sem parar. Até que um dia a irmã disse que ele era bebe por tanto chorar. E o menino deixou de chorar e recebeu uma linda bola como presente.”

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

Ao que, as crianças recontaram a história da seguinte forma:

*“Um menino que gostava de chorar, ele chorava por tudo, logo um dia a irmã disse quem chora é bebê logo ele parou de chorar, logo a irmã, lhe ofereceu uma bola de presente.” (C1)*

*“Era uma vez um menino que gostava de chorar, mesmo que , meamo que estão a lhe dar agua esta esta a chorar, mesmo estando a comer esta a chorar, tudo ta chorar, logo a irmã disse e bebe, tirou uma bola lhe deu. 4 mesmo.” (C2)*

*“Um menino muito bonito, que gostava de sempre chorar, ele, um dia a irmã lhe deu uma bola de presente, porque disse que ele e bebe, ele começou a respeitar a irmã.” (C3)*

*“Ela uma vez o menino que cholava muito, a ilma disse ele cholava muito polque ela bebe e depois como ele cholava muito yeceveu uma boya de pesente” (C4)*